

Emancipação Humana: Um Estudo Introdutório

*Thuinie Medeiros Vilela Daros*¹

RESUMO: Para Marx, a emancipação humana se realizará quando o homem se libertar de toda a consciência alienada e, principalmente, compreender o funcionamento do sistema econômico, mas essa realização do sujeito da história não é só a realização do sujeito individual, mas de todos os sujeitos, pois só coletivamente construir-se-á a história universal. Este texto tem o objetivo de analisar o conceito de emancipação humana na obra de Marx, bem como os autores que também se dedicaram a desenvolver este conceito na sua práxis.

PALAVRAS-CHAVE: Emancipação humana, alienação, marxismo.

ÁREA: Educação

¹ Professora de Teoria da História do Curso de História da Faculdade União das Américas.

O presente artigo analisa o conceito de emancipação humana nas publicações de Karl Marx, bem como o trabalho desenvolvido por destacados marxistas contemporâneos que procuraram aplicar este conceito em sua práxis. Karl Marx não foi o primeiro filósofo a abordar este tema, mas em seus escritos iniciais apresenta uma preocupação com a emancipação do homem, levando-o a escrever obras com relação à crítica do Estado, sociedade burguesa e da propriedade privada, mas é a partir da *Introdução à Crítica da Filosofia do Direito de Hegel*, que Marx esboça os fundamentos de sua teoria de superação da sociedade burguesa.

O significado lexical para alienação é: transferido ou cedido a alguém, afastado, desviado, separado, endoidecido, enlouquecido (Michaelis, 1998, p. 51), ou seja, o homem, através da alienação, tornou-se estranho a ele mesmo, não se reconhece em si, o que ele produz pelo seu trabalho lhe é estranho, e a sua atividade é maçante, penosa, desgostosa porque ela se tornou apenas um meio de subsistência.

Ao desenvolver este conceito de alienação, Marx ignora explicações comuns que apareceram no decorrer da história da filosofia, explicações religiosas, metafísicas ou morais. Ele analisa a história baseada nos acontecimentos do trabalho humano e passa a perceber que a alienação se origina na vida econômica.

Marx tomou o conceito alienação de Hegel através da obra de Feuerbach, neste caso ele fala da alienação religiosa, que trata de uma projeção da humanidade fora de si mesma, ou melhor, em Deus, sobre o qual vai projetar suas melhores qualidades e tudo aquilo que a humanidade poderia caracterizar como sua qualidade inata: força, bondade, perfeição, justiça, honradez, etc. O homem cria um Deus e se torna subordinado à sua própria criação:

Tratando do Deus da religião cristã, Feuerbach dizia que era uma criação do próprio homem. O homem se objetiva em Deus e nele projeta as suas melhores qualificações: amor, bondade, sabedoria, justiça. Tanto mais o homem empobreceu sua essência quanto mais Deus se enriquecia dos atributos dela. A essência de Deus é a essência alienada do homem. A objetivação alienada não é o enriquecimento, mas empobrecimento. (Gorender, 2002, p. 12).

Para Feuerbach, a maturidade da humanidade se dará a partir do momento que o homem tomar consciência que o único Deus é o próprio homem.

Marx herda esta ideia, mas critica e lhe dá uma nova interpretação, pois para ele a alienação religiosa ainda não é a raiz das demais formas de alienação, antes dela existe a alienação do trabalho como a base de todas as outras: a religiosa, política, filosófica, social.

Segundo Bottomore (2001, p. 5), Marx descreve a alienação como sendo:

... a ação pela qual (ou estado no qual) um indivíduo, um grupo, uma instituição ou uma sociedade se tornam (ou permanecem) alheios, estranhos, enfim, alienados aos resultados ou produtos de sua própria atividade (e à atividade ela mesma), e/ou à natureza na qual vivem, e/ou outros seres humanos, e – além de, e através de, - também a si mesmos (às suas possibilidades humanas constituídas historicamente).

Portanto, a crítica da forma sacra da autoalienação humana, deverá ser substituída pela crítica do direito e da política.

Na teoria marxista, a alienação é uma situação resultante de fatores materiais dominantes da sociedade, se caracteriza pelo modo de produção capitalista, em que o trabalho do homem se processa de modo a produzir coisas que imediatamente são separadas dos interesses e do alcance de quem as produziu. "A maneira como os indivíduos manifestam sua vida reflete exatamente o que eles são. O que eles são coincide, pois, com sua

produção, isto é tanto com o *que* eles produzem quanto com a maneira *como* produzem.

“O que os indivíduos são depende, portanto, das condições materiais da sua produção” (Marx; Engels, 2002. p. 11).

Ao analisar a estrutura social da Alemanha, Marx concluiu que é preciso aparecer uma classe que se contraponha à classe dominante de forma radical. Todas as classes que exerceram o poder implementaram uma nova forma de dominação, por isto todas as classes que quiseram ser novas classes dominantes, apresentaram os seus interesses particulares como interesses gerais da sociedade e, assim apareceram como classe emancipadora da sociedade. Mas é o proletariado que representa, ao mesmo tempo, os interesses particulares da classe e os interesses gerais da sociedade e ao se libertar leva a libertação de toda a sociedade, pois ele é a dissolução da sociedade de classes.

O movimento da propriedade privada passa a ser acompanhado e explicado através do conceito de trabalho alienado, que por sua vez se expressa às relações de produção capitalista.

Graças ao trabalho alienado, por conseguinte, o homem não só produz sua relação com o objeto e o processo da produção, como homens estranhos e hostis; também produz a relação de outros homens com a produção e o produto dele, e a relação entre ele próprio e os demais homens. Tal como cria sua própria produção como sua perversão, uma punição, e o seu próprio produto como uma perda, como um produto que não lhe pertence, assim também cria a dominação do não produtor sobre a produção e os produtos desta. Ao alienar sua própria atividade, ele outorga ao estranho uma atividade que não é dele. (Marx, 1983, p. 89)

Para existir trabalho assalariado é necessária a propriedade privada onde os trabalhadores não possuam nem controlem os meios de produção que utilizam. Por conseguinte, a propriedade privada dos meios de produção. A propriedade é uma fonte de coerção, de autoridade hierárquica e de privilégio da elite.

É na liberdade que se fundamenta a existência da propriedade, ou melhor, o indivíduo é livre para acumular, mas, a liberdade do homem não se baseia na união do homem com o homem, mas na separação. A liberdade é o direito². O direito do indivíduo limitado a si mesmo.

É um erro pensar que o desmascaramento da ideologia burguesa implica denunciar a liberdade burguesa como ilusória. Antes é preciso mostrar que, em certos casos (como o da liberdade de acumular propriedade), elas restringem ou mesmo impedem o exercício de outras liberdades mais valiosas, e que mais ainda (como o da liberdade de divergir), são aplicadas de maneira excessivamente limitada." (Bottomore, 2001, p. 124)

À medida que a alienação do trabalho é o resultado de um tipo determinado de organização social e decorre da própria natureza da atividade física do trabalho é possível dizer, por exemplo, que o trabalho será alienado sempre que houver divisão social na sua execução, seja qual for a forma em que a sociedade ou a economia estiverem organizadas.

Sinteticamente, o capitalismo aliena economicamente, isto é, separa o trabalhador dos meios de produção, suas ferramentas, as matérias primas, a terra e as máquinas acabaram se tornando a propriedade privada do capitalista. Esta é a base da alienação econômica do homem sob o capital e sob termos contratuais sociais: garantia a todos ao direito de viver com dignidade e realizações, mas na prática isto é negado ao operário pela estrutura econômica.

Quando se pensa no trabalho desalienado ou emancipado, pensa-se no homem produzindo para si mesmo, tendo todo o entendimento e o controle completo de sua atividade.

² A conceito de direito é entendido como o direito resguardado constitucionalmente.

Mas, o homem não constrói o mundo que deseja, ao contrário, o faz nas condições dadas. Por conseguinte, as relações sociais são criadas pelos homens e correspondem a um grau de desenvolvimento das forças produtivas sociais. Assim é que a luta por novas formas sociais deve compatibilizar-se à correspondência entre forças produtivas e relações sociais de produção. O modo de produção capitalista advém de uma base produtiva pela qual os homens engendram a possibilidade e a necessidade de uma nova ordem social.

Onde reside, pois, a possibilidade positiva da emancipação alemã?

Resposta: na formação de uma classe da sociedade burguesa que não é uma classe da sociedade burguesa; de um estado que é a dissolução de todos os estados; de uma esfera que possui um caráter universal por seus sofrimentos universais e que não reclama nenhum direito especial para si porque não comete contra ela nenhuma violência especial, senão a violência pura e simples; que já não pode apelar a um título humano; que não se encontra em nenhuma espécie de contraposição particular com as consequências, senão numa contraposição universal com as premissas do Estado alemão; de uma esfera, finalmente que pode emancipar-se sem emancipar de todas as demais esferas da sociedade e, simultaneamente, de emancipar todas elas; que é numa palavra, a perda total do homem e que, por conseguinte, só pode atingir seu objetivo mediante a recuperação total do homem. Esta dissolução da sociedade como uma classe especial é o proletariado. (Marx, 2003, p.100).

Isto nos leva a perceber que a alienação do trabalho só pode ser superada quando a propriedade privada for abolida. Sem a propriedade privada, conseqüentemente, o capitalismo será extinto, pois é a propriedade privada que sustenta este sistema, e assim, com a sua derrubada alcançaremos uma nova forma de sociedade. Segundo Marx (1977, p. 23) “O modo de produção da vida material condiciona o desenvolvimento da vida social, política e intelectual em geral. Não é a consciência que determina o seu ser; é o seu ser social que, inversamente, determina sua consciência”.

A questão é: como o homem tomará consciência e, a partir daí, se mobilizará e buscará uma nova forma de produção de sua existência?

Para o homem alcançar esta nova forma de sociabilidade se faz necessário agir na consciência dos homens ou atuar na maturidade do ser social. É a maturidade do ser social que permite ao homem construir esta nova perspectiva e pensar na emancipação humana.

E é pela práxis que o homem pode se transformar. Segundo Marx, o homem se autoproduz enquanto transforma a natureza pelo seu trabalho. O trabalho é uma ação coletiva, logo a condição humana depende da existência social. Mas a realização do trabalho depende da consciência que antecipa a ação pelo seu pensamento e com isso ela estabelece a dialética: homem-natureza - pensar e agir.

E a isso Marx chama de práxis: A ação humana na transformação da realidade. (título?)

O homem emancipado é um homem livre. Nesta concepção de liberdade o homem conhece a verdade racionalmente concebida e por ela define o seu destino, ou melhor, o homem é produto do próprio homem que para Marx seria quando o reino da necessidade for substituído para reino da liberdade. O homem então não libertará apenas a sua consciência alienada, mas também sua consciência econômica³. Ele só poderá ser desalienado por meio da sua própria atividade, ou quando a sociedade for igualmente desalienada, em todas outras atividades humanas.

“Para superar esses obstáculos, é necessária uma tentativa coletiva, e a liberdade como autodeterminação é coletiva no sentido de que consiste na imposição, socialmente cooperativa e organizada, no controle humano tanto sobre a natureza como sobre as condições sociais de produção” (Bottomore, 2001, p. 124)

³ Economia entendida como produção material e apropriação dos produtos que envolvam a relação entre homens e mulheres.

Este projeto de emancipação humana se realizará ao longo da história. Seu objetivo é alcançar o homem como verdadeiro sujeito emancipado, o que significa viver em uma sociedade sem desigualdades, sem classes e assim livre para desenvolver todas as suas potencialidades humanas, que não são permitidas ao trabalhador pela estrutura do sistema capitalista.

Para isso, será necessária a derrubada do sistema vigente e implementação do comunismo que se realizará através do trabalho unificado ou cooperado e da propriedade coletiva, assim as contradições fundamentais estarão extintas. “E a libertação de cada indivíduo singular é alcançada na mesma medida em que a História transforma-se completamente em história mundial” (Marx; Engels, 2002, p. 86)

É também interessante ressaltar que Marx propõe o comunismo como o novo modelo de sociedade: “Emancipação humana para Marx nada mais é do que outro nome para comunismo. [...] Marx chama o comunismo de reino da liberdade e emancipação humana. (Tonet, 2004, p. 108).

A Emancipação humana, ou seja, uma forma de sociabilidade na qual os homens sejam efetivamente livres, supõe a exclusão do capital. E como a principal atitude da emancipação política é a compra e venda de força de trabalho, o ato originário da emancipação humana deve ser, necessariamente, o *trabalho associado*.

Neste processo, os homens estabelecem (eles próprios) a produção econômica onde as forças individuais são postas em comum e permanecem sempre sob o controle comum. Como consequência, os homens detêm o controle integral e consciente do processo de trabalho. É isto que torna o trabalho uma atividade de fato, livre. Para Tonet (2005)

Esta forma de trabalho é a única que pode impedir a apropriação privada das forças sociais e, com isso, eliminar o capital, as classes sociais, a divisão social do trabalho, o mercado e todas as objetivações democráticas. Por isso mesmo, também é a única que pode permitir a construção de uma autêntica comunidade humana, ou seja, de uma comunidade onde todos os indivíduos possam ter acesso amplo a todas as objetivações – materiais e espirituais – que constituem o patrimônio da humanidade; onde poderão desenvolver amplamente as suas potencialidades; onde se encontrarão em situação de solidariedade efetiva uns com os outros e não de oposição e concorrência.

Na teoria marxista o trabalho associado aparece como a condição necessária e essencial para os homens que buscam a emancipação.

A busca pela emancipação humana também fez parte da obra de diversos autores marxistas, como por exemplo, do pensador italiano Antonio Gramsci (1891-1937), considerado como um dos mais influentes pensadores marxistas da Europa Ocidental. Foi reconhecido como referência na estruturação do movimento de esquerda europeu tendo sido fundador Partido Comunista Italiano em janeiro de 1921. Como teórico marxista escreveu entre as obras mais importantes os *Quaderni del Carcere*, no período em que esteve preso pelo governo de Mussolini. Ampliou os conceitos de hegemonia, sociedade civil e intelectual orgânico dada a relevância que reservou ao papel da cultura na sociedade.

Suas lutas sempre foram comprometidas com um projeto político que deveria culminar com uma revolução proletária. Ele se diferenciava de outros pensadores por não acreditar numa tomada do poder que não fosse precedida por mudanças de mentalidade. Para ele, os agentes principais dessas mudanças seriam os intelectuais e um dos seus instrumentos mais importantes, a escola.

Acreditava, que a escola, em certa medida, poderia ser um meio de emancipação humana, pois é pela escola que também se pode elevar as classes subalternas e iniciar o longo processo de conscientização e luta. Assim, estas classes se tornarão capazes de governar aqueles que as governam.

Gramsci nunca negou a função reprodutora da escola, mas a sua teoria demonstra um compromisso com a transformação da sociedade e acredita que a escola pode trazer um esclarecimento e desenvolver uma consciência coerente e homogênea, formando homens capazes de criticar a concepção de mundo que se tem a partir daquilo do que são e de como se produzem.

Deve-se tomar em conta que a tese emancipatória gramsciana está diretamente desenvolvida no seu conceito de hegemonia, compreendido como a direção moral e direção política de uma classe quando toma o poder (ou não) sobre as classes concorrentes e aliadas.

Para ele é necessário primeiro conquistar as mentes, depois o poder, não se caracterizando propriamente como propaganda ou manipulação ideológica. Na teoria desenvolvida por Gramsci, a função do intelectual (e da escola) é mediar uma tomada de consciência que passa pelo autoconhecimento individual e implica reconhecer, nas palavras do pensador, “o próprio valor histórico”. Segundo Mochcovitch (1992, p. 64): “É recorrente a preocupação de Gramsci com a contribuição da escola para a superação do folclore e das visões de mundo mágicas e religiosas não adequadas ao mundo industrial e à ordem capitalista moderna. Mais recorrente ainda, porém, é a sua visão de que cabe a escola inculcar nos educandos, desde o início, noções sobre os direitos e deveres, sobre a ordem estatal e civil, sobre as leis que organizam a sociedade humana”.

Nesta direção Gramsci discute o papel dos intelectuais orgânicos como os que fazem as relações entre as diferentes classes sociais, possibilitando uma visão de mundo unitária e homogênea, e destaca que todas as camadas sociais possuem seus intelectuais, uns sendo profissionais, outros inclusos nesta categoria apenas por participarem de uma determinada visão de mundo (uma visão coerente). Mochcovitch (1992, p. 17-18) afirma que aos intelectuais orgânicos:

“Cabe a missão de levar as massas à filosofia da práxis, não de fora para dentro, mas articulando-a com a reflexão que é possível, através do chamado “núcleo de bom senso”, a partir da prática cotidiana das massas e de sua experiência na luta política. Para Gramsci, todo esse movimento não pode existir sem a formação de uma camada de intelectuais, que representa a união entre a teoria e a prática”.

Os intelectuais possuem uma função orgânica bastante importante no processo da reprodução social, na medida em que ocupam espaços sociais de decisão prática e teórica. Mas a principal função destes se encontra na formação de uma nova moral e uma nova cultura, que podem se entendidas também como uma contra-hegemonia.

A atuação dos intelectuais orgânicos visa a superação do senso comum, que para Gramsci, se constituiu numa concepção de mundo absorvida acriticamente, ocasionalmente, desagregada e deverá ser mudada pela filosofia da práxis.

“A filosofia da práxis, expressão que Gramsci usava para iludir a censura fascista da prisão, é, para ele o materialismo histórico e dialético, que está produzido por Marx e Engels. A filosofia da práxis se constrói como crítica a todo o pensamento precedente, ou seja, as filosofias e ao universo cultural existentes”. (Mochhcovitch, 1992, p. 17)

Para trabalhar com a filosofia da práxis, o intelectual orgânico precisa: “Repetir constantemente, e didaticamente (de forma variada) os argumentos que concorrerão para a ampliação da visão das massas e a elevação cada vez maior desta cultura, fazendo surgir dela mesma a elite de seus intelectuais, capazes de uma ligação teórica e prática” (Gramsci, 1989, p. 27).

Quando esta etapa é atingida, significa que o estágio ideológico para a mudança do panorama já está amadurecido. Ter uma visão unitária do mundo é elemento imprescindível para se

chegar à hegemonia que é defendida por Gramsci enquanto exercício de uma classe por meio da direção de um consenso.

Gramsci chama de catarse quando o sujeito passa por todo este processo emancipatório e a partir dele adquire uma nova visão de mundo.

Segundo o marxismo, a emancipação humana dos trabalhadores será obra dos próprios trabalhadores, portanto as mudanças tão almejadas só poderão existir a partir da revolução do proletário e para isso acontecer se faz necessário primeiramente trabalhar em suas consciências enquanto espaço de elevação da cultura de superação do senso comum e de formação dos homens capazes de uma compreensão homogênea das várias dimensões da sociedade.

Dermeval Saviani, educador contemporâneo que em suas obras procura resgatar e atualizar a leitura marxista no terreno da educação e da pedagogia, assim como Gramsci, também valoriza este momento catártico necessário para a emancipação do homem, no entanto denomina este processo emancipatório da humanidade como elevação do senso comum à consciência filosófica. Segundo o autor: “Passar do senso comum à consciência filosófica significa passar de uma concepção fragmentária, desarticulada, implícita, degradada, mecânica, passiva a uma concepção unitária, coerente, articulada, explícita original, intencional, ativa e cultivada” (Saviani, 2000, p. 02)

Saviani sempre defendeu de forma sistemática e intransigente a escola pública e preocupou-se com o alcance político da sua ação pedagógica enquanto estratégia de construção o que Bottomore (2001), em alusão ao conceito gramsciniano, refere-se como contra-hegemonia, isto é, ir contra (teoricamente) as funções de domínio e a direção exercida pela classe social dominante, neste caso a burguesia, sem no entanto confundir esta ação com uma ação propriamente política.

Mas sabendo que o trabalhador é reprodutor e reproduzido pelo sistema, e que por este motivo, sozinho, não consegue elaborar idéias hegemônicas, desenvolve uma teoria educacional voltada para a ação pedagógica, que visa a emancipação dos homens através da escola. Segundo o escrito sobre a importância da educação no que tange à emancipação humana escrevem Marx e Engels (2000, p. 102) na III tese sobre Feuerbach:

A doutrina materialista que pretende que os homens sejam produtos das circunstâncias e da educação, e que, conseqüentemente, homens transformados sejam produtos de outras circunstâncias e de uma educação modificada, esquece que são precisamente os homens que transformam as circunstâncias e que o próprio educador precisa ser educado. É por isso que ela tende inevitavelmente a dividir a sociedade em duas partes, uma das quais está acima da sociedade [...]

A coincidência da mudança das circunstâncias e da atividade humana ou automudança só pode ser considerada e compreendida racionalmente como *práxis revolucionária*.

A característica básica da consciência filosófica, segundo Saviani, se realiza através da hegemonia proletária e destaca a importância da educação pensada para este fim, uma vez que o proletário que não é conscientizado ou não possui concepções hegemônicas sobre o tipo de sociedade que deseja, não terá possibilidade de buscar uma sociedade com condições mais dignas de vida.

Para sintetizar esta educação para e pela classe proletária este autor desenvolveu a teoria pedagógica conhecida como histórico-crítica.

Ela foi elaborada e sistematizada tendo em vista sua aplicação da educação formal, nas escolas.

A base da formulação da Pedagogia Histórico-Crítica é a tentativa de superar tanto os limites das pedagogias não-críticas como também das teorias crítico-reprodutivistas e o empenho em analisar e compreender a questão educacional a partir do

desenvolvimento histórico-objetivo. Tem, portanto, sua concepção pressuposta no materialismo histórico.

A concepção da pedagogia histórico-crítica ou crítica social dos conteúdos propicia a superação da contradição entre duas concepções anteriores porque, além de ter como fundamento o trabalho, a práxis, as múltiplas determinações, a historicidade e a crítica, ela compreende a liberdade como consciência histórica da necessidade - determinação ou causalidade -, que se obtém justamente através no trabalho. Nesta concepção pedagógica, a educação é um processo dinâmico, uma totalidade de ação e reflexão, pois se realiza na tensão dialética entre liberdade e necessidade. E a possibilidade de emancipação humana, hoje, existe nessa concepção que abrange a relação entre liberdade e necessidade. (Lopes, 2000, p. 69)

Partindo da concepção de natureza humana proposta por Marx e Engels, de que o homem necessita produzir continuamente sua existência e é pelo trabalho que ele age sobre a natureza adaptando-a às suas necessidades, Saviani define a educação como um processo de trabalho não material (diferente do trabalho material que visa a produção de bens materiais para subsistência), no qual o produto não se separa do ato de produção. O trabalho educativo é "o ato de produzir direta e intencionalmente, em cada indivíduo singular, a humanidade que é produzida histórica e coletivamente pelo conjunto de homens" (Saviani, 1991, p. 21).

A pedagogia histórico-crítica tem sido bastante discutida por uma crescente parcela de educadores contemporâneos, pois a consideram como um instrumento de mudança social e transformação da realidade, tendo em vista seu comprometimento com a busca da superação das relações autoritárias no interior da escola. Sua história está vinculada à luta por superar os modelos até então adotados nas escolas brasileiras, sobretudo os métodos tradicionais, por não levarem em conta no processo ensino aprendizagem o conteúdo de saberes que os alunos trazem consigo para a sala de aula.

Tem sido também criticada de um lado, por alguns teóricos que a consideram como uma pedagogia que privilegia o

conteudismo, por outro, por ter dado ênfase exagerada ao componente político da educação.

Contudo, percebe-se que as críticas são reações ao pluralismo causado pela diversidade no plano teórico ou prático e pela própria historicidade na qual uma tendência se fundamenta e estabelece seus critérios de verdade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao analisar o significado nas obras de Marx e dos autores marxistas que complementaram o conceito de emancipação humana percebe-se que o processo emancipatório do homem foi pensado como intimamente ligado à priorização da escola como *locus* de elevação e apropriação cultural da classe trabalhadora. Contudo, enquanto um componente determinado social e historicamente, as transformações nas relações em seu interior são perpassadas pelas relações ocorridas na sociedade da qual faz parte e das condições históricas que a determinam, sendo assim, não cabe somente à escola a incumbência de emancipar o homem, mas das transformações ocorridas na sociedade como um todo.

Sozinha ela não pode superar o capitalismo, mas pode contribuir explorando algumas características inerentes às sucessivas crises do modo de produção capitalista (principalmente o caráter excludente que configura a escola nesse momento) de modo a evidenciar a contradições sociais desta sociedade. "A escola está no campo das contradições dessa sociedade, naquele sentido do grupo que busca conservar a educação e aquele grupo que busca a superação da sociedade e educação, mas este é apenas um dos instrumentos da luta". (Lopes, 2000, p. 70).

Trata-se de um dos instrumentos de transformação porque o trabalho educativo possui um caráter político.

A educação como prática social pode colaborar para manutenção ou transformação da sociedade. Já a educação como

práxis, pensada e organizada para a transformação, contribui para a construção de um mundo mais igualitário.

Mas para isso, faz-se necessário que o educador tome consciência da necessidade da atividade educativa enquanto *práxis* que possibilite o encaminhamento de um processo de libertação das condições sociais alienantes do homem, assumindo um compromisso com a emancipação humana, praticando uma educação voltada para a coletivização dos meios de produção.

A coletivização dos meios de produção é o passo fundamental para a transição para a sociedade comunista. Sem apropriação privada dos meios de produção, sem conflitos de classe e, portanto, sem necessidade de Estado. No comunismo, o produto do trabalho de todos é repartido segundo o trabalho realizado por cada um, extinguindo-se toda a exploração.

E, mais uma vez, é preciso não esquecer que ação e idéia são uma unidade inseparável. Não basta o discurso teórico e brilhante, é preciso, antes de tudo, ações coerentes com o discurso da classe trabalhadora, através de seus intelectuais orgânicos, independente de suas origens sociais, se possível.

REFERÊNCIAS

ALIENAÇÃO. In: MICHAELLIS. **Pequeno dicionário da língua portuguesa**. São Paulo: Melhoramentos, 1998. p. 51.

BOTTOMORE, Thomas. **Dicionário do pensamento marxista**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.

GRAMSCI, Antonio. **Intelectuais e a organização da cultura**. São Paulo: Civilização Brasileira, 1989.

LOPES, Regina. **Pedagogia e Emancipação humana**. São Paulo: Olho d'água, 2000.

MOCHCOVITCH, Luna Galano. **Gramsci e a escola**. São Paulo: Ática, 1992.

MARX, Karl. **Contribuição à crítica da economia política**. São Paulo: Martins Fontes, 1977.

_____. Manuscritos econômico-filosóficos. In: FROMM, E. **Conceito Marxista do Homem**. Rio de Janeiro: Zahar, 1983.

_____. ENGELS, Frederic. **A Ideologia Alemã**. São PAULO: Martins Fontes, 2002.

_____. **A questão Judaica**. São Paulo: Centauro, 2003.

_____. Introdução à crítica da filosofia do direito de Hegel. In: _____ **A Questão judaica**. São Paulo: Centauro, 2003.

SAVIANI, Dermeval. **Pedagogia histórico-crítica**: primeiras aproximações. Campinas: Autores Associados, 1991.

_____. **Educação**: do senso comum à consciência filosófica. Campinas: Autores Associados, 2000.

TONET, Ivo. **Educação e Emancipação Humana**. Marília, Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade do Estado de São Paulo (UNESP). 2005. 217 f. (Tese de doutorado em Filosofia).

_____. **Cidadania ou Emancipação**. Disponível em: <<http://www.espacoacademico.com.br/044/44ctonet.htm>>. Acesso em: 17 abril, 20

